

O LAZER, A PERIFERIA DA METRÓPOLE E OS JOVENS: ALGUMAS RELAÇÕES¹

Recebido em: 10/01/2011

Aceito em: 01/06/2011

*Carolina Paes de Andrade*²

Grupo de Pesquisas em Lazer (GPL-Unimep).
Piracicaba – SP – Brasil

*Nelson Carvalho Marcellino*³

Unimep/CNPq/GPL.
Piracicaba – SP – Brasil

RESUMO: O presente artigo propõe-se a discorrer a respeito dos aspectos que marcam o lazer na periferia da cidade de São Paulo e sobre como os jovens experimentam o lazer em tempos marcados pela influência quase implacável da indústria cultural. Conclui-se que na periferia desta capital faltam opções variadas de lazer, que os habitantes dessas áreas atribuem grande importância ao lazer e que essa esfera da vida pode representar para os jovens uma rica experiência pessoal e social, na qual o grupo tem importante papel. A existência de espaços que permitam a convivência faz-se essencial.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades de Lazer. Áreas de pobreza. Adolescente.

LEISURE, THE OUTSKIRTS OF THE METROPOLIS AND YOUNG PEOPLE: SOME RELATIONSHIPS

ABSTRACT: The present paper's purpose is to discuss those aspects that mark leisure in the outskirts of the city of São Paulo and how young people experience leisure in times marked by the almost implacable influence of the cultural industry. Conclusions point that this capital's outskirts lack assorted options in leisure; the inhabitants of these areas attribute great importance to leisure; and this sphere of life may represent a rich personal and social experience to young people, for whom the group is extremely important. The existence of spaces that allow for such cohabitation is essential.

¹ Parte da dissertação de mestrado intitulada "A importância de um grande equipamento de lazer na periferia de São Paulo: O Sesc Itaquera e os jovens que vivem em seus arredores", e apresentada ao Programa de Mestrado em Educação Física da Universidade Metodista de Piracicaba-SP, 2010.

² Mestre em Educação Física pela Unimep na área de concentração Corporeidade e Lazer.

³ Livre-docente em Estudos do Lazer.

KEYWORDS: Leisure Activities. Poverty Areas. Adolescent.

Introdu o

A cidade de São Paulo   cenário de grandes contrastes. As diversas realidades socioecon micas que aí convivem são refletidas em modos de vida bastante diversos. As maneiras de habitar, de se deslocar, de obter renda, de usufruir serviços básicos, de se relacionar com o espaço urbano, variam de acordo com a condi o financeira do cidadão, sua origem, sua idade, seu sexo, dentre outros fatores. Também o lazer, em fun o dessas diferenças, apresenta-se na metrópole com diversas “faces”.

Analisar o lazer dos diversos grupos humanos pode levar   compreensão de sua maneira de ver o mundo por um viés não tradicionalmente presente nos estudos acad micos, mas que, por isso mesmo, possibilita que venham   tona dados não observados em pesquisas que estudam as sociedades a partir de outras categorias, como o trabalho, por exemplo.

Este artigo propõe-se a discorrer a respeito do lazer⁴ como manifesta o humana que tem no ambiente urbano seu palco, dos aspectos que marcam essa esfera da vida na periferia da cidade e ainda sobre como os jovens experimentam o lazer em tempos marcados pela presença e influência quase implacável da indústria cultural.

O lazer na periferia paulistana

Inicialmente, fazemos um esclarecimento a respeito do uso do termo “periferia” neste artigo. Utilizamos-lo para nos referirmos às áreas geograficamente periféricas da

⁴ Aqui entendido como a “cultura vivenciada (praticada, fru da ou conhecida) no tempo disponível das obriga es profissionais, escolares, familiares e sociais, combinando os aspectos tempo e atitude”, do qual podem “emergir, de modo dial tico, valores questionadores da sociedade no seu conjunto, sendo sobre ele também exercidas influências da estrutura social vigente”.   ainda “portador de um duplo aspecto educativo – veículo e objeto de educa o” (MARCELLINO, 2007, p. 46-47).

cidade, constituídas a partir de um processo excludente, ocorrido com o crescimento industrial da cidade de São Paulo, em que as camadas mais pobres viram-se forçadas a se instalar em áreas distantes do centro e com defasada infraestrutura de serviços urbanos básicos. Vale ressaltar, no entanto, conforme apontam Bousquat e Cohn (2003a), que a dualidade centro *versus* periferia não é mais suficiente para explicar a construção urbana da metrópole paulista, sobretudo a partir dos anos 1980, quando a cidade de São Paulo consolida-se como metrópole transacional. É certo que, por um lado, a pobreza dissemina-se hoje por toda a cidade, em “pequenos espaços mais próximos ao centro”, que aumentam os investimentos públicos na periferia e que cresce o número de condomínios de luxo “na direção do vetor de expansão oeste da cidade” (TORRES⁵ *et al. apud* BOUSQUAT; COHN, 2003a, p. 85). Por outro lado, esse novo padrão de modelo espacial “não transita para uma ruptura com padrões espaciais de desigualdade consolidados durante o período anterior de industrialização da capital paulista” (MELLO⁶ *apud* BOUSQUAT; COHN, 2003a, p. 84), marcados pela especulação imobiliária e pelo aumento da concentração da população pobre nos bairros mais afastados. É em função desses padrões já consolidados no processo de expansão da periferia paulistana que utilizamos aqui o referido termo.

O lazer é uma temática urbana. É na cidade, onde a vida da maioria da população segue o ritmo ditado pelo trabalho alienado, que o lazer acontece, e tem lugar no tempo liberado das obrigações profissionais, familiares, políticas e religiosas.

⁵ TORRES, H.; MARQUES, E.; FERREIRA, M. e BITAR, S. “Pobreza e espaço: padrões de segregação em São Paulo”. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 47, 2003.

⁶ MELLO, Karla Reis Cardoso. Transporte urbano de passageiros: as contradições do poder público. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia da FFLCH-USP, São Paulo, 1998.

Ao escrever sobre as cidades da América do Sul e da África, Lefèbvre afirmou que: “Nessas regiões e países, as antigas estruturas agrárias se dissolvem; camponeses sem posses ou arruinados afluem para as cidades a fim de nelas encontrar trabalho e subsistência” (LEFÈBVRE, 2001, p. 17). Marcellino (1995) afirma que a sociedade brasileira começa a se configurar como preponderantemente urbana a partir do censo de 1970. Durante o período em que se intensificaram os fluxos migratórios no Brasil, com o crescimento da indústria ocorrido no pós-Segunda Guerra, a cidade de São Paulo foi um dos pólos que mais atraíram aqueles que deixaram as áreas rurais em busca de novas possibilidades. No entanto, quem chegava à cidade sonhando em construir uma vida digna, com direito a trabalho, moradia, estudo para os filhos, acesso ao sistema de saúde e ao lazer (apesar de este parecer ainda não ter assumido, no entendimento de muitas pessoas, o *status* de direito tão garantido pela Constituição quanto outros mais comumente mencionados e exigidos⁷), não raro se deparava com a frustração das expectativas, realidade essa que ainda hoje se verifica, ainda que a chegada de migrantes não seja mais tão intensa.

Segundo Santos, ocorre, nessa capital, uma distribuição desigual dos equipamentos educacionais e de lazer em decorrência da “planificação urbana capitalista combinada com o processo especulativo do mercado” (SANTOS, 1996, p. 90).

A distância que separa a periferia da região central, onde se concentra a maior parte dos equipamentos específicos de lazer, é um dos fatores que inviabilizam a participação e o acesso de grande parte da população à intensa vida cultural que faz a fama da metrópole.

⁷ Art. 6º do Capítulo II – Dos Direitos Sociais: “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 1988, p. 13).

Brenner, Dayrell e Carrano, que em seu trabalho sobre o lazer dos jovens no Brasil mencionam a “Pesquisa de Informações Básicas Municipais” (Munic), afirmam que esta detecta que:

Nas médias e grandes cidades brasileiras, as periferias, os bairros populares, os morros e as favelas são verdadeiros desertos de equipamentos culturais; ainda que a média de equipamentos seja elevada, estes se encontram concentrados em centros culturais de difícil acesso físico e simbólico aos setores populares. (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 179).

Não obstante esta realidade, o limitado acesso a equipamentos específicos de lazer não significa que nessas áreas as pessoas não desfrutem de seu lazer. Apenas o fazem de forma diferente dos habitantes das áreas mais centrais ou dos que também vivem em bairros afastados, mas têm melhores condições financeiras (o que facilita o acesso). Trata-se de um lazer marcado fundamentalmente pelo encontro (apesar de os encontros serem também verificados entre outros grupos sociais). Magnani (2003) aborda, em sua obra “Festa no Pedacço”, aspectos relacionados às formas de vivenciar o lazer por parte dos moradores da periferia da cidade de São Paulo, destacando entre elas a partida de futebol das manhãs de domingo, as festas de aniversário e casamento, entre outras. Santos (1998) trata da riqueza da experiência da festa produzida pelos pobres.

Para a população que habita a periferia, o lazer representa, mais do que necessidade de reposição das forças gastas no trabalho,

[...] uma oportunidade de, através de antigas e novas formas de entretenimento e encontro, estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem a rede básica da sociabilidade. O que não é de pouca importância para uma população cujo cotidiano não se caracteriza exatamente pelo gozo pleno dos direitos de cidadania. (MAGNANI, 1994, p. 2).

Nota-se assim que, nessas regiões, há uma prevalência dos interesses sociais do lazer em muitas das formas como as pessoas que aí vivem procuram aproveitar esse

tempo liberado das obriga es cotidianas. As conversas na porta de casa, nas esquinas, nos bares, nos pontos de encontro dos jovens são características dessas localidades. A prática de jogos coletivos entre os rapazes, sobretudo o futebol, também   bastante comum; neste caso, mesclam-se os interesses sociais e fisicoesportivos. E as festas para comemorar ocasiões especiais (aniversários, batizados, casamentos), os churrascos, os bailes, tão frequentes em tais áreas, também são exemplos de programas em que a convivência social   o interesse do lazer que prevalece.

As coloca es feitas por Magnani (2003) e Santos (1998) a respeito da vivência do lazer das classes dominadas são bastante relevantes e ainda correspondem, em parte,   realidade. Como   de supor, novas formas de se vivenciar essa esfera da vida apareceram e continuam a surgir, processo este desencadeado por uma série de fatores, dentre os quais se podem citar as políticas públicas específicas na área, as altera es no espaço urbano e a presença de equipamentos, específicos ou não, de lazer. Além disso, as formas de aproveitamento do lazer variam em fun o de diversos outros fatores, entre eles a faixa etária.

Os jovens e o lazer

Assim como apontado anteriormente em rela o ao lazer, também o termo juventude   compreendido de formas diversas, seja por estudiosos que tratam do tema em suas produ es, seja pelos órgãos públicos e de pesquisa. Trata-se, dessa forma, de um tema em constru o. Marília Pontes Sposito (2002), ao apresentar a análise da produ o de estudos sobre juventude na área da educa o, aponta a falta de consenso em termos de defini o dessa categoria e discorre a respeito de conceitua es variadas sobre ela.

Apesar de não ser propósito deste artigo aprofundar-se nas discussões acerca das várias conceituações da categoria juventude – tarefa que vem sendo empreendida com grande profundidade e autoridade por pesquisadores de diversas áreas, como a Educação, a Psicologia e as Ciências Sociais –, cabe fazer algumas colocações acerca do entendimento de juventude aqui considerado.

De acordo com Sposito, apesar de haver, na maior parte das análises, um reconhecimento tácito no que diz respeito à “condição de *transitoriedade* como elemento importante para a definição do jovem – da heteronomia da criança para a autonomia do adulto”, ocorrem variações “nos processos concretos e nas formas de abordagem dos estudos que tradicionalmente se dedicam ao tema” em relação ao “modo como se dá essa passagem, sua duração e características” (SPOSITO, 2002, p. 8, grifo da autora). Por outro lado, Sposito afirma que essa concepção de juventude como fase transitória tem sido criticada e menciona dois aspectos sobre os quais recaem tais críticas:

O primeiro diz respeito a uma caracterização da transição como indeterminação – jovens não são mais crianças e também não são adultos, vivendo uma espécie de hiato, na acepção de Salem –, sendo definidos pelo que não seriam; assim, este momento cada vez mais alongado no percurso de vida continuaria, paradoxalmente, sofrendo um conjunto de grandes atribuições que o desqualificam exatamente porque se trata apenas de uma passagem. O segundo aspecto incide sobre uma necessária subordinação dessa fase à vida adulta, referência normativa caracterizada pela estabilidade em contraste com a juventude, período da instabilidade e das crises. (SPOSITO, 2002, p. 8-9).

A respeito do segundo aspecto, a autora afirma que essa caracterização da idade adulta como estável, em contraposição à instabilidade juvenil, é fato que não se sustenta na atualidade, considerando-se a “insegurança, a turbulência e a transitoriedade” em que

se inscrevem o que se denomina por “condições contemporâneas da vida” (SPOSITO, 2002, p. 9).

Consideramos a juventude, neste artigo, mais “como um momento do percurso de vida capaz de reter sua peculiar forma de vivê-lo e menos como mera etapa preparatória para a vida adulta” (SPOSITO, 2002, p. 11).

Entendemos que se faz necessário considerar essa fase da vida também como uma construção social, que influencia e é influenciada pela sociedade na qual se insere.

A pesquisa intitulada “Mapa da Juventude da Cidade de São Paulo” (BOUSQUAT; COHN, 2003b)⁸ teve como principal objetivo identificar e mapear grupos de jovens na cidade de São Paulo. Para tanto, contou com o suporte de pesquisas realizadas anteriormente sobre diferenciais intraurbanos e baseou-se em “uma metodologia que parte da questão urbana, de como a construção do espaço nesta complexa metrópole brasileira é marcada por profundas desigualdades socioespaciais” (BOUSQUAT; COHN, 2003a, p. 81). Visando à identificação de homogeneidades e segregações dos jovens no espaço urbano paulistano,

[...] a elaboração do Mapa da Juventude associou às questões das distintas inserções desses jovens no mundo do trabalho e da escola aquelas relacionadas aos seus hábitos e práticas, incluindo o lazer e o uso da cidade, discriminadas segundo as distintas regiões da cidade. (BOUSQUAT; COHN, 2003a, p. 82).

Neste sentido, consideramos que a identificação das chamadas Zonas Homogêneas (ZH), “constituídas tendo como base a dimensão espacial da exclusão social dos jovens paulistanos” (BOUSQUAT; COHN, 2003a, p. 85), significa uma importante contribuição por parte da pesquisa “Mapa da Juventude” no sentido de se buscar conhecer as diferentes juventudes que habitam a cidade de São Paulo.

⁸ Daqui em diante, “Mapa da Juventude”.

Para a compreensão dos sentidos do próprio tempo da juventude, a “investigação sobre a dinâmica da ocupação do tempo livre pelos jovens” representa importante papel (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 175). De acordo com esses autores: “É principalmente nos tempos livres e nos lazeres que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, ritos, simbologias e modos de ser que os diferenciam do denominado mundo adulto” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 176).

Os jovens correspondiam, de acordo com o Censo do IBGE de 2000, a aproximadamente 20,07% da população brasileira. A grande maioria deles (81%) residia então na zona urbana. As estatísticas permitem deduzir que há uma tendência de migração de jovens da zona rural para a zona urbana ao atingirem a maioridade, pois o número de jovens de 15 a 19 anos que vivem na zona rural é cerca de 8% maior do que o número de jovens de 20 a 24 anos que aí residem. Essa migração deve-se, sobretudo, à busca de oportunidades no mercado de trabalho e de estudo (FRIGOTTO, 2004). Ao chegar à cidade, no entanto, muitas vezes esse jovem se depara com a distribuição desigual mencionada anteriormente nas palavras de Santos (1996) e, como novo morador da periferia, vê também limitadas suas possibilidades de vivência do lazer.

De acordo com Brenner, Dayrell e Carrano, em seu estudo já mencionado,

[...] é preciso considerar o lazer como tempo sociológico no qual a liberdade de escolha é elemento preponderante e que se constitui, na fase da juventude, como campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais. (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 176).

Esta constatação mostra a importância desse tempo-espço na vida dos jovens. As formas como o lazer é vivenciado na juventude podem contribuir para o processo de formação dos indivíduos, abrindo novas possibilidades de relações humanas, de produção de cultura, de construção da identidade, de interação com o mundo por meio

de novas maneiras de enfrentamento das situações experimentadas ao longo da vida. Maria Rita Kehl atribui ainda outra importância a frequência a determinados locais pelos jovens em seu lazer:

Em nossas sociedades laicas, em que faltam ritos de passagem para sinalizar o ingresso na vida adulta, os objetos de consumo e os espaços próprios para freqüentação adolescente – a lanchonete, o baile *funk*, a boate, os *megashows* de rua – substituem os ritos característicos das culturas pré-modernas. Os jovens também inventam seus próprios ritos. (KEHL, 2004, p. 95).

Novamente de acordo com Brenner, Dayrell e Carrano (2005): “O lazer é atividade social e historicamente condicionada pelas condições de vida material e pelo capital cultural que constitui sujeitos e coletividades” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 178).

Entre os jovens, os interesses sociais parecem ser os preponderantes na escolha de como desfrutar o lazer. Conforme apontado na pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” (INSTITUTO CIDADANIA *et al.*, 2003), a atividade de lazer de fim de semana mais citada pelos jovens entrevistados – por 90% deles – foi “encontrar amigos(as)”. Já o “Mapa da Juventude” (BOUSQUAT; COHN, 2003b) mostra que a atividade de lazer mais praticada pelos jovens da cidade de São Paulo (entre os que responderam que fazem algo em seu lazer) é a prática de esportes. Esta última pesquisa também conclui que os jovens geralmente desfrutam de seu lazer em companhia dos amigos do bairro e da vizinhança. Reafirma-se, a partir dessa constatação, a importância do “pedaço” (MAGNANI, 1994, 2003) enquanto possibilidade de construção da sociabilidade dos jovens e da vivência de seu tempo liberado das obrigações.

Em relação aos equipamentos frequentados pelos jovens em seu lazer, dois tipos, já mencionados anteriormente, vêm ganhando espaço no lazer da periferia: os *shopping centers* e as *lanhouses*, *internet* cafés e similares. Estes locais vêm se configurando,

sobretudo entre os jovens, como ponto de encontro e diversão nas periferias das grandes cidades.

De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e pelo Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais (Pólis)⁹, os *shopping centers* são os espaços mais frequentados pelos jovens brasileiros das classes C (72,3%) e D/E (53,8%) em seu lazer. Também nesse sentido, o “Mapa da Juventude” aponta que, nas áreas de maior exclusão, o *shopping* é o espaço mais utilizado, enquanto que nas áreas de maior inclusão, onde há maior concentração e variedade de equipamentos, o peso dos *shoppings* como espaço de lazer vem sendo crescentemente contrabalançado pela frequência a cinemas, bares e danceterias. De acordo com esta última pesquisa:

O percentual de jovens que mencionou o shopping como espaço preferido de lazer pode indicar que esse espaço popularizou-se por não estar, de fato, vinculado necessariamente com o consumo, mas por apresentar-se como possibilidade, mesmo para os mais excluídos, de simplesmente praticar lazer, saindo com amigos, olhando vitrines ou paquerando, entre outras coisas. (BOUSQUAT; COHN, 2003b, p. 72).

No caso das *lanhouses*, estes espaços são frequentados pelas diversas faixas etárias, mas especialmente pelos jovens. O crescimento da navegação na rede mundial de computadores com a finalidade de se aproveitar o lazer vem se fazendo notar por meio de pesquisas na área e por sua repercussão na mídia¹⁰. De acordo com os dados da

⁹ Pesquisa intitulada “Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas” (Ibase; Pólis, 2006).

¹⁰ O quadro “Central da periferia”, apresentado no programa dominical *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão, dedicou uma série de edições ao tema das *lanhouses* nas periferias do Brasil. (Mais informações em: <http://especiais.fantastico.globo.com/centraldaperiferia>).

série histórica da Pesquisa TIC Domicílios¹¹:

Apesar da tendência de estabilidade apresentada no acesso à Internet através de centros públicos de acesso pago, a pesquisa revela que o crescimento continua sendo efetivo nas faixas de renda mais baixas da população. Na faixa de renda familiar de até um salário mínimo, tínhamos 4% em 2005; 49% em 2006; 78% em 2007; e atingimos o patamar de 82% em 2008. Na faixa entre um e dois salários mínimos, tivemos 25%, 45%, 67% e 69%, respectivamente, entre 2005 e 2008. Essas duas faixas somadas representam algo em torno dos 45% dos usuários de Internet. A despeito do custo elevado para acesso à Internet nos domicílios, vislumbra-se que as *lanhouses* e os internet cafés oferecem oportunidade de acesso às camadas economicamente menos favorecidas da população. (CGI.BR, 2009b, p. 148).

De acordo com a mesma pesquisa, nas áreas urbanas, apenas 8% dos usuários da *internet* pertencentes à classe A frequentaram *lanhouses* ou similares para esse fim em 2008; na classe B, 26% o fizeram; já na classe C, esse percentual sobe para 54% e nas classes D/E atinge a marca dos 79%. Isso não significa que esta seja a única forma de acesso à *internet* para os que pertencem às classes D/E; porém, de acordo com os dados, as *lanhouses* e similares são sem dúvida os principais locais de acesso à internet utilizados pelas populações de baixa renda. Ainda na área urbana, apenas 7% das classes D/E que se declararam usuários da *internet* (ou seja, que acessaram a *internet* nos últimos três meses que antecederam a pesquisa) navegaram na rede mundial de computadores em suas próprias casas.

Além desse grande aumento do acesso à *internet* em *lanhouses* e afins por parte das classes C e D/E, a pesquisa detectou também que é entre os jovens que estes espaços fazem mais sucesso enquanto possibilidade de navegar na rede. Na faixa etária

¹¹ A “Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil” (Pesquisa TIC), realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.BR, 2009a), inclui a análise em domicílios e em empresas. A TIC Domicílios foi subdividida em duas partes. A primeira, denominada “Total Brasil”, apresenta os dados de 2008, ano em que foram incluídas na pesquisa as áreas rurais do País. A segunda parte, denominada “Série histórica”, está associada às áreas urbanas apenas, visto que, até 2007, a pesquisa tinha como foco somente essas áreas. Nessa segunda parte, é possível fazer a comparação com os dados das pesquisas TIC dos anos anteriores, a partir de 2005 (CGI.BR, 2009b).

que vai dos 16 aos 24 anos, 59% dos usuários nas áreas urbanas acessaram a *internet* nesses centros públicos de acesso pago. Tal porcentagem vai decaindo conforme aumenta a faixa etária, correspondendo a 14% na faixa que vai dos 45 aos 59 anos. A pesquisa aponta que as *lanhouses* e similares são os locais mais utilizados pelos jovens para acessar a *internet*. Este quadro muda a partir da faixa que vai dos 25 aos 34 anos, em que o acesso em casa passa a ser o mais citado. Cruzando os dados referentes às faixas etárias e de renda dos usuários da *internet* nas *lanhouses*, a Pesquisa TIC conclui que:

Embora esses centros públicos pagos sejam um fenômeno que perpassa todas as classes sociais, a sua utilização cai com o aumento da idade e da renda das pessoas. A pesquisa mostra que, quanto mais jovem o cidadão e menor a sua renda, maior a probabilidade de ele utilizar *lanhouses*, o principal meio de acesso para a população com menos recursos. (CGI.BR, 2009b, p. 46).

Outra constatação relevante para os estudos do lazer feita pela pesquisa em questão: entre as atividades desenvolvidas na *internet*, o grupo de atividades de lazer cresceu, entre 2005 e 2008, 15 pontos percentuais, passando de 71% para 86%. Tanto na classe C quanto na D/E, 85% dos usuários afirmaram usar a *internet* para atividades de lazer. Na classe A, esse percentual ficou em 92%.

Considerando-se os dados acima, cresce a importância dos centros públicos de acesso privado (*lanhouses* e similares) enquanto espaços para usufruto do lazer na periferia das grandes cidades, principalmente entre os jovens.

Considerações finais

A fama de capital cultural do País atribuída a São Paulo vem da quantidade quase infinda de opções de atividades (feiras, espetáculos musicais, teatrais e de dança, mostras de cinema, exposições, entre outras) postas à disposição dos paulistanos, as

quais podem ser por eles usufruídas em seu lazer. Entretanto, essa rica e vasta gama de atividades, para além do fato de ser muitas vezes inacessível, em termos financeiros, à grande parte da população, concentra-se principalmente nas áreas mais centrais da metrópole, deixando a imensa maioria dos habitantes dos bairros periféricos distante dessa grande festa cultural. Por outro lado, ainda que suas formas de vivenciar o lazer não tenham “o brilho e a sofisticação das últimas novidades da indústria do lazer” (MAGNANI, 1994, p. 2), para os moradores da periferia o lazer representa uma esfera da vida de grande importância, espaço para fortalecimento de laços sociais, para a vivência de valores e de cultura próprios, entre outros aspectos.

Ao se pensar no papel que o lazer exerce, ou pode exercer, na vida dos jovens, enquanto “campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 176), é possível entender que tal papel aproxima, de certa forma, e apesar de uma série de diferenças, a experiência juvenil das diversas classes sociais. A preferência pela prática de esportes como forma de vivenciar o lazer, entre os jovens do sexo masculino que pertencem às diversas classes sociais, é apenas um exemplo de semelhança, cercada de diferenças. Talvez por isso mesmo, o lazer pode ser um espaço propício para o convívio entre os diferentes ou, mais do que isso, de encontro e aproximação entre indivíduos separados, seja por condições sociais, por diferença de gênero, ou ainda por limitações físicas e mentais, e que nas vivências de lazer podem “falar a mesma língua”.

O lazer pode representar para os jovens, dessa forma, uma rica experiência pessoal e social, na qual o grupo tem importante papel. Ter a oportunidade de vivenciar

as experiências de lazer em grupo   imperativo nessa fase da vida e, para tanto, a existência de espaços que permitam essa convivência se faz essencial.

As formas de vivência do lazer por parte dos jovens estão diretamente relacionadas com sua condi o socioecon mica, com sua localiza o no espaço urbano e com sua educa o, entre outros fatores. A possibilidade de transcendência, pelo lazer, dos limites impostos   liberdade da classe trabalhadora (VALLE, 1988), ganha força quando há op oes de lazer que atendam aos variados interesses das pessoas, de forma que elas possam exercer mais livremente seu direito de escolher de que maneira preferem vivenciar essa esfera de suas vidas (seja descansando, assistindo a um concerto de música, praticando um esporte, passeando com a família, viajando, cuidando de flores, lendo um livro, encontrando os amigos etc.). Paralelamente,   preciso haver uma educa o para o lazer que possibilite aos indivíduos maior autonomia no uso de seu tempo liberado das obriga oes, de modo que não se limitem a corresponder às expectativas da indústria cultural, para cuja reprodu o a esfera do lazer representa espaço privilegiado.

REFERÊNCIAS

BOUSQUAT, Aylene; COHN, Am lia. A constru o do mapa da juventude de São Paulo. **Lua Nova**, São Paulo, n. 60, p. 81-96, 2003a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-4452003000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 out. 2009.

_____. (Coord.). **Mapa da Juventude da Cidade de São Paulo**. São Paulo: Cedec, jul. 2003b, 139 p. e Anexos (Relatório final).

BRASIL. Constitui o (1988). **Constitui o** – República Federativa do Brasil. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1988.

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

CGI.BR. **Sobre o CGI**. 2009a. Disponível em: <<http://www.cgi.br/sobre-cg/index.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2009.

_____. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil**: TIC Domicílios e TIC Empresas 2008. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2009b. Disponível em: <<http://www.cetic.br/tic/2008/index.htm>>. Acesso em: 29 out. 2009.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

IBASE; PÓLIS. **Juventude brasileira e democracia**: participação, esferas e políticas públicas: Relatório final. Ibase; Instituto Pólis, 2006. Disponível em: <<http://www.ibase.br/modules.php?name=Conteudo&pid=1073>>. Acesso em: 23 set. 2009.

INSTITUTO CIDADANIA; INSTITUTO DE HOSPITALIDADE; SEBRAE. **Perfil da juventude brasileira**. 2003. Disponível em: <www.planalto.gov.br/secgeral/juventude/juventude.pps>. Acesso em: 23 set. 2009.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

LEFÈBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MAGNANI, José Guilherme C. **O lazer na cidade**. São Paulo, 1994. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/Magnanilazer.html>>. Acesso em: 21 set. 2009.

_____. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 3. ed. São Paulo: Hucitec/Unesp, 2003.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. Campinas: Papirus, 1995.

_____. Lazer e qualidade de vida. In: MOREIRA, W. W. (Org.). **Qualidade de vida**: complexidade e educação. 2. ed. Campinas: Papirus, 2007.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1996.

_____. Milton Santos: Um dos intelectuais brasileiros mais respeitados em todo o mundo fala sobre a importância do tempo livre. **Revista E – SESCSP**, São Paulo, v. 5, n. 14, p. 6-9, jul. 1998.

SPOSITO, Marília Pontes. Considera es em torno do conhecimento sobre juventude na área da educa o. In: SPOSITO, Marília Pontes (Org.). **Juventude e escolariza o**: 1980-1998. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002. (Série Estado do Conhecimento).

VALLE, Lilian A. B. O lazer como resistência. **Fórum Educacional**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 44-50, out./dez. 1988.

Endereço dos Autores:

Carolina Paes de Andrade
Endereço Eletr nico: pandradecarolina@gmail.com

Nelson Carvalho Marcellino
Rua 14 de dezembro, 428 - apto. 41
CEP: 13015-130 – Campinas – SP
Endereço Eletr nico: marcelin@supernet.com.br